S. PAULO, MARÇO DE 1925

Alfredo de Assis

Os Nossos Poetas
Mensario dirigido por
Nuto Sant'Anna

Nº 3

ASSIGNATURAS

Por um anno	25$000
Por um semestre	15$000
Numero avulso	3$000

As assignaturas, nesta Capital, tomam-se na Livraria Teixeira, á Ladeira de S. João n. 16 ; no Interior, com os nossos Agentes.

Publicação mensal de poetas brasileiros.

Cada volume conterá trabalhos de um unico autor.

A capa deste numero é de S. Meirelles

Ler é instruir-se ; ler a sua gente não só é instruir-se : é tambem ser patriota.

OS NOSSOS POETAS

MENSARIO · DIRIGIDO · POR · NUTO · SANT'ANNA

PUBLICADOS

N. I — MORTE, MORTE DE AMOR.... . . . Nuto Sant'Anna
N. II — POEMAS LIRICOS . . . . Gustavo Teixeira
N. III — CHAMMA EXTINCTA. . . , ... Alfredo de Assis

ALFREDO DE ASSIS

«S. Paulo, 17 de Março de 1925. — Nuto. — *Abraços. Acho que é inteiramente dispensavel a biographia. Da minha vida nada ha a dizer. Ella tem corrido, graças a Deus, quieta como um fio de agua, tranquillo e obscuro, através de uma floresta, reflectindo ora um pouco de sol, ora um pouco de sombra. A minha existencia é dessas que não têm historia, e, por isso mesmo, feliz. Quero apenas que digas, em uma nota, que esses versos, que saem, foram es-*

criptos de 1906 a 1908, no meu periodo academico — o melhor da minha vida — e que, post-*Academia, nada mais escrevi, a não ser uma ou outra pequena composição. Isso explicará o titulo —* Chamma Extincta, *flamma que se apagou, deixando apenas um punhado de versos, cinzas frias de uma saudade longinqua. — Abraços do teu,* Alfredo de Assis.»

Os versos, que se seguem, destacamol-os ao acaso do livro inédito de Alfredo de Assis — *CHAMMA EXTINCTA.* Esse livro é um primor. Fala pelo rhythmo, fala pelo sentimento, pelas idéas, pela côr, pelo calor. Não o damos na intregra, por o não comportar, dado o seu grande numero de paginas, o caracter desta singela publicação. Alfredo de Assis, porém, a quem agradecemos a fidalga gentileza com que nos acolheu, ha de offerecel-o ainda aos seus admiradores — e então, todos elles, como nós, que tão deliciada e enthusiasticamente lhe saboreamos as esplendidas poesias, certamente o applaudirão com enlevo pela graça e fortuna dessa dadiva excellente, tão cara e tão rara.

ALGUNS JUIZOS SOBRE OS VERSOS

DE

ALFREDO DE ASSIS

Carta de Alberto de Oliveira a D. Rosalina Coelho Lisbôa;

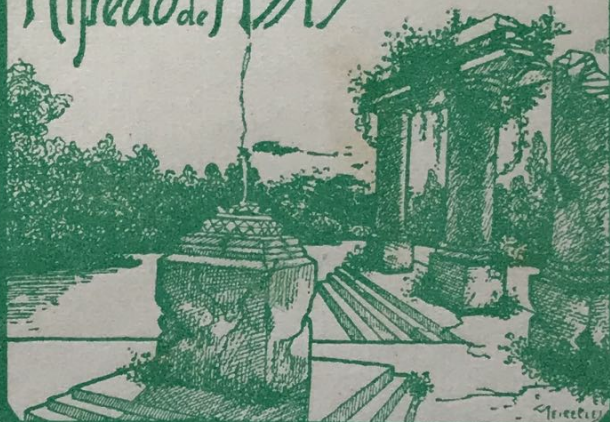
«Ou ando mal enganado, com juizos meus, ou não erro affirmando haver neste livro muita e verdadeira poesia. Quem escreveu o Tédio da Esphinge, Chuva de Rosas, Versos sem nome, Os bois, Romantica *e* Suggestões das Linhas *é poeta, e não será dos maiores si não quizer. Nos versos de Alfredo de Assis ha, além de inspiração, idéas; além de idéas, sentimento, colorido e observação da Naturesa. Pode a lingua ainda não ser bastante á expressão de tudo isso, mas esse conhecimento é o que chega com mais vagar, e o nosso autor, moço como é, tem deante de si largo espaço para que, aos poucos, o adquira completo. Outros senões, que os ha, são em pequeno numero e não empanam o brilho de tantas composições deveras formosas. Taes são as impressões do livro inédito que de suas mãos recibi.»*

III

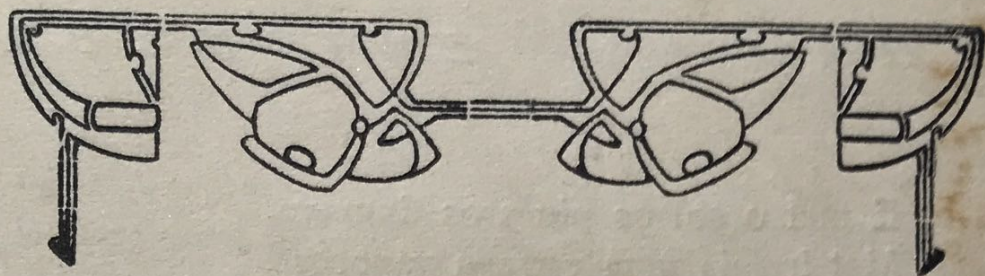
«Não posso admittir que um poeta como Alfredo de Assis abandone a lyra privilegiada e querida. Ainda não lhe li uma só poesia que não me deixasse encantado. A sua lyra é uma das primeiras do Brasil e, em S. Paulo, só Vicente de Carvalho o eguala em sentimento. — Belmiro Braga.»

«*Li na* Revista Americana *os seus versos* A Raiz. *Quero sinceramente felicital-o pela belleza dessas estrophes cheias de arte e de pensamento. Sou grato a quem me proporciona um momento de prazer intellectual e nesse sentido o illustre confrade é meu credor de muito.* — Menotti Del Picchia.»

«*Alfredo de Assis é um verdadeiro poeta, perfeito conhecedor da sua arte. Versos como a* Loucura do Sapo, Suggestões das linhas *e o* Tédio da Esphinge, *onde ha uma grande profundeza de sentir e um poderoso talento de expressão, um simples versejador de talento não poderia fazel-os. De todos o que mais me encantou foi aquella pequenina obra-prima* Pranto e Riso, *não só pela belleza de forma e technica, mas tambem pelo grande sopro philosophico que a anima.* — Pedro Zamith.»

«*Recebi os livros com a collecção de versos do Dr. Alfredo de Assis. Tomei assim, por sua bondade, conhecimento com esse notavel poeta paulista. A poesia do Dr. Assis,* Os Bois, *é muito tocante e bella, como tudo quanto tenho lido do distincto poeta, incontestavelmente o legitimo successor de Vicente de Carvalho.* — Desembargador Clodoaldo de Freitas.»

Chamma Extincta
Alfredo de Assis
Os Nossos Poetas
Mensario dirigido por
Nuto Sant'Anna
Nº 3

Ser simples como o tojo ou como a agua
Para que todo aquelle que nos ler
Veja, na nossa magua, a sua magua,
E nos possa entender . . .

JULIO DANTAS.

DOLORES

Lembro-me tanto! Mal amanhecia,
Entre os bafejos virginaes das flores,
Ella, passando, olhava-me e sorria...

E, de novo, sorria-me Dolores,
Quando ia a meia luz do occaso abrindo
O longo véo das desmaiadas côres.

Sempre quando a manhã vinha surgindo,
Quando a tarde cheirosa desbotava,
Ella passava, olhando-me e sorrindo...

E mal o sol os pincaros dourava,
Mal tremia uma estrella vaporosa,
Eu, á janella, tremulo, a esperava...

E assim, sempre sorrindo, descuidosa,
Cada manhã passava mais garrida,
Voltava, cada tarde, mais formosa...

Tão tranquilla e feliz ia-lhe a vida,
Sem a mais leve magua, e de um cuidado
Nem sequer mesmo a sombra dolorida!

E alegre como um passaro encantado,
Horas e horas movia as mãos de neve,
Tramando os fios de um subtil bordado...

*
* *

Eu, afinal, me acostumei, em breve,
A ouvir-lhe, ás mesmas horas, todo dia,
O passo e ver-lhe o vulto airoso e leve,

Por isso, quando mal amanhecia,
Ou mal cahia a tarde, eu a esperava,
E ella, passando, olhava-me e sorria.

Nunca soube o mysterio que encerrava
Aquelle riso meigo, illuminando
O seu rosto, que ás rosas egualava.

Feliz assim fugia o tempo, quando
Um dia ella não veiu . . . De tristeza,
Quasi a janella abandonei chorando . . .

— «Hoje, passou mais cedo, com certeza,»
Disse commigo, emfim mais resignado,
A alma de immenso desconsolo presa.

E, ao vir da tarde, cheio de cuidado,
Foi em vão que a esperei! E, no outro dia,
Puz-me á janella, afflicto e esperançado . . .

Mas não veiu tambem . . . Amanhecia,
E ella não mais passava sorridente
E nem passava quando entardecia . . .

C H A M M A   E X T I N C T A

⁂

Um visinho contou-me, indifferente,
Soprando o fumo azul do seu charuto,
Que ella se achava, ha muitos dias, doente.

Velou toda minha alma um véo de luto,
E ainda hoje, bem no intimo do peito,
Longinqua voz de uma saudade escuto.

Como si visse um sonho bom desfeitô,
Poucos dias depois, passando, vi-a
Branca, entre rosas, num caixão estreito.

E em sua bocca desbotada havia
Aquelle mesmo riso, que a enfeitava,
Que era meu sonho bom, minha poesia,

Que eu não sei que mysterios encerrava ! . . .

A L F R E D O   D E   A S S I S

QUANDO PARTI...

Quando parti da aldeia, onde deixava
O meu berço, dizia-me a arenosa
Estrada: — «Eu não te esqueço ...» E me falava
— «Eu não te olvido», a fonte marulhosa.

Consolavam-me as aves, sussurrava
O bosque, em flor, uma canção saudosa;
Em cada pedra um coração chorava,
Chorava um coração em cada rosa.

Tolo que fui de acreditar... As flores,
Ninhos e bosques cheios de rumores,
Ninguem de mim se recordou jamais.

Tinham razão! Eu era bem creança...
De mim não guarda a fonte uma lembrança,
E nem as rosas me conhecem mais...

MUDEZ QUE FALA

Depois de muitos erros pela vida,
Voltei, um dia, á aldeia silenciosa
Onde passara a quadra mais florida
De minha leda infancia descuidosa.

Alguem, que é para mim a estremecida
Perola cara, prenda caprichosa,
De alegria chorava, commovida,
E entre as lagrimas ria venturosa...

Nada me disse... E quem dizer pudera
Phrase melhor que uns olhos de velludo,
Molhados de uma lagrima sincera?

Nada me disse, nada! E' certo, entanto:
Nada falando me falava tudo,
Na eloquente mudez daquelle pranto...

A L F R E D O   D E   A S S I S

AS SERENATAS

Trovadores sentidos e chorosos,
Que de violão andaes, pelas esquinas,
Fóra de horas, nos bairros silenciosos,
Envolvidos na capa das neblinas,

Quem póde ouvir-vos sem lembrar saudosos
Tempos? E quantas lagrimas divinas
Fazeis subir aos olhos buliçosos
Destas nossas romanticas meninas?

Sinto na serenata, quando passa,
Noite morta, ao luar, toda a doçura,
Toda a melancolia de uma raça;

E, da alma do meu povo, as verdadeiras
Maguas ingenuas sinto na ternura
Dessas velhas modinhas brasileiras...

ROMANTICA

Ella sae ao terraço quando a lua,
Na doçura das noites silenciosas,
Prateando as aguas, pelo céo fluctua.

Toda de brancas vestes vaporosas,
Bebe sosinha esse halito sadio,
Dessa nocturna exhalação de rosas.

E alli junto do mar, largo e bravio,
Talvez sonhando loucas esperanças,
Mergulha o vago olhar no céo vazio.

Ella tem a frescura das creanças
De mãos de seda, pallidas, franzinas
E a timidez das alvas pombas mansas.

Tem o pudor ingenuo das meninas,
A candura das rosas mal fechadas,
E a meiguice das aves pequeninas.

Faz-me lembrar princesas encantadas,
Languidas mouras de um solar deserto,
E as castellãs antigas das balladas,

Quando a vejo saudosa, o olhar incerto,
Afogado das scismas nos vapores,
Aos seus pés escutando o mar tão perto,

Que, em noites de tormentas e de horrores,
As ondas chegam do jardim ás grades,
Em sobresaltos despertando as flores!

Fugindo ao borborinho das cidades,
Talvez acorde, em sua magua infinda,
Os lividos espectros das saudades!

Vejo-lhe o vulto no terraço ainda,
Envolvido em romantica poesia,
Na vasta noite, religiosa e linda...

*
* *

Passeando pela praia, ha tempos, vi-a
Toda encolhida em uma preguiçosa:
Um romance de amor, attenta, lia.

E tão franzina, espiritual, mimosa,
Parecia uma pomba pequenina,
Que adormecesse dentro de uma rosa.

Desde então sua imagem me fascina;
Passo tardes inteiras á janella,
Contemplando a romantica menina.

Não sei que sensações eu tenho ao vel-a,
Na suggestão da tarde, erma e vazia,
Ao brilho frouxo da primeira estrella.

Não sei mesmo que estranha sympathia
Ella me inspira assim olhando os mares,
Ao vir a noite amortalhando o dia...

Nada sei dos seus intimos pesares,
Mas suas longas scismas vaporosas,
Como o véo vaporoso dos luares,

Deixam-me ver as ancias mysteriosas
Da paixão que se sonha e não se alcança,
Neste valle de lagrimas saudosas.

A tortura doentia da lembrança,
Revive esse seu sonho nebuloso,
Que é o phantasma talvez de uma esperança!

*
* *

Mas, tem cuidado!... O sonho mais formoso
— Flor cujo aroma fino te maltrata —
Tem caricia que é dor e dor que é goso...

Filha, é como o opio, que embriaga e mata...

INTANGIVEL

Creio ver-te nas nuvens que, passando,
Rendilham de ouro o azul do firmamento,
E ouvir-te a fala cariciosa, quando
A' tarde fala, caricioso, o vento...

Creio ver-te, ora rindo, ora chorando;
Sempre commigo o mesmo sentimento;
Meiga, ao meu lado, enchendo e consolando
Minhas horas de angustia e isolamento...

Creio teu vulto ver na névoa albente,
Na alegria viril das madrugadas,
Na tristeza elegiaca do poente...

Intangivel visão do meu desejo,
Tu és como as essencias espalhadas:
Sinto-te em toda parte — e não te vejo!

PAIXÃO SECRETA

Guardo em minha alma esta paixão secreta,
Quero escondel-a e vivo a proclamal-a ;
Dá-me alegria e maguas me acarreta ;
Contam-na os olhos, mas meu labio cala.

Todo meu grande coração de poeta
Estremece de amor á sua fala,
E, com minha alma, de paixão repleta,
Quero não vel-a e vivo a contemplal-a.

Paixão, que é minha dor, sendo alegria,
E é um doce bem, que é mau e que tortura,
E na propria tortura acaricia,

Pobre amor, que me faz humilde e forte,
Me enche de sonhos bons e de ternura,
E é toda minha vida e minha morte . . .

GRANDE AMOR, POBRE AMOR...

De amor tão grande assim, certo diria,
Si o conhecesse, o mundo: — «E' uma loucura!»
Pobre amor, minha unica alegria,
Meu doce bem, que é o mal que me tortura!

Põe-me nalma rudezas e harmonia,
Enchendo-a de prazer e de amargura,
Ora dando-lhe mascula energia,
Ora, a mais doce e feminil ternura...

Dá-lhe, ás vezes, immensa fortaleza,
Dá-lhe, ás vezes, um sonho deslumbrante.
Dá-lhe, outras vezes, infantil fraqueza...

Alma, tu és egual ao mar, na cheia:
Bate rochedos, mas, no mesmo instante,
O dorso dobra ao dar num grão de areia!...

INTIMAS BATALHAS

Disse-me alguem, ao ver-me indifferente
A tudo, indifferença mal contida:
— «És feliz! Nada tens, que te atormente;
Nem odio, nem amor te nubla a vida.»

E' que eu furto ao olhar de toda gente,
Desta paixão, a tragica ferida;
E escondo-a nalma, como, ternamente,
Esconde o oceano a perola querida...

E assim, mostrando essa frieza estranha,
Minha alma é como altissima montanha:
Gelo por fóra, com vulcões no centro.

E do rosto, que a sós, de pranto inundo,
Nem uma contracção revela ao mundo
As tremendas batalhas que ha por dentro...

AGUA SALGADA

Esconde, com recato e fingimento,
De todo mundo, a dor que te alanceia;
Nunca ha de acompanhar teu sentimento,
A alma dos outros, de frieza cheia.

Si te tortura um intimo tormento,
Si essa alma fraca desespera e anceia,
De que serve ao teu grande soffrimento,
O consolo banal da bocca alheia?...

Occulta esse pesar quanto puderes:
O pranto é para a timida creança
E para os lindos olhos das mulheres...

Que adeanta á tua dor, que ninguem méde,
Dar-te, a piedade humana, uma esperança,
Agua salgada que te augmenta a sêde?...

ESPERAR

Quando o teu beijo, abelha de ouro, em festa,
A minha bocca ardente, em vão procura,
Mais ainda me punge o espinho desta
Desgraçada paixão, que nos tortura.

Si nada mais de um sonho azul nos resta,
Si o nosso amor é crime e até loucura,
Antes ver-te infeliz, mas sempre honesta,
Do que ver-te feliz, vendo-te impura.

Deus me livre de ver-te assim, manchada
Pelo meu beijo, e com razão falada
Pela bocca cruel dos homens vis!

Que a fé a nossa fortaleza augmente,
Vivamos de esperar um bem ausente,
Que em amor esperar é ser feliz...

DONA CARMITA

Nestes meus versos não cabe
O amor que lhe consagrei;
Mal o meu nome ella sabe,
E mal o seu nome eu sei.

Que importa o nome? Bonita
Assim, outra não se vê;
Chamam-lhe todos Carmita,
Carmita, não sei de quê...

Adoro-a, em segredo, quasi
Nem na conheço. Entretanto.
Com o mais romantico ardor,
Escrevo phrase por phrase,
Com ancia, com riso e pranto.
Todo um romance de amor...

Si a encontro, ás vezes, na rua,
Sigo-a, preso á luz, que encerra
Seu olhar, claro arrebol,
Como a estrella segue a lua,
Como a lua segue a terra,
Como a terra segue o sol.

Vendo-a, tão branca e formosa.
Lembra-me o vago perfil,
Feito de gelo e de rosa,
Feito de névoas de Abril,
De uma garça leve e airosa,
Na praia de um mar de anil...

Branca, esgalgada e franzina,
Dona Carmita é bizarra,
Com seu talhe encantador ;
E tem cousas de menina,
Com seus nervos de cigarra,
Seu romantismo de flor.

S Aluga

C H A M M A   E X T I N C T A

E' loura como, da abelha,
As louras azas subtis;
E a bocca, que a alma lhe espelha,
Pelas palavras que diz,
E' vermelha, tão vermelha,
Como a bocca de uma actriz.

Por ella, flor de meiguice,
Branca visão de luar,
Um meu amigo me disse
(Talvez fosse uma tolice!)
Que se deixava matar...

E' uma dessas deliciosas
Figurinhas de Watteau:
Mais franzina do que as rosas,
Mais leve que um bibelot.

Eu quasi perco a cabeça,
Quando a vejo por meu mal,
Com seus ares de condessa
De romance medieval.

E vendo-a, não quero vel-a,
Tristezas do fado meu ;
De tanto olhar uma estrella,
Já um poeta enlouqueceu . . .

Não sei si á morte, ou si á vida,
Vae esse amor me levar :
Sinto minha alma perdida,
Como uma folha cahida
Na correnteza, a rolar . . .
Ah ! que minha alma naufraga,
De um grande mar na amplidão,
Rolando, de vaga em vaga,
No abysmo desta paixão !

MENINA E MOÇA

Lembro-me (Tempo bom da meninice!)
Do fundo do quintal, onde, em anceio,
Fui falar-te, e não sei o que te disse,
De tanta confusão, tanto receio...

De um lado, o medo de que alguem nos visse,
E de outro, o acanhamento e o nosso enleio;
Fizemos, afinal, muita tolice,
Da qual apenas resta, no meu seio,

Uma vaga lembrança, entre o desgosto,
De ter na bocca, eternamente, o gosto
Do fructo verde que lá fui colher:

Da tua linda bocca pequenina,
No teu ultimo beijo de menina,
O teu primeiro beijo de mulher...

CULTO PAGÃO

Amei-a . . . E quem no mundo amar não ha de,
Si é o amor, esse eterno soffrimento,
— Celeste luz, que o coração invade,
Para enchel-o de um goso que é um tormento?

Seu amor perfumou-me a mocidade,
Como uma grande flor perfuma o vento;
Pôz-me nalma uma fonte de bondade,
Um clarão de ternura e sentimento.

Amei-a . . . (E, quem souber amar, me entende!)
Como um indio, que ajoelha entre fulgores,
E adora o astro, que o seduz e prende . . .

E ella foi para mim toda a poesia,
A primavera, os passaros, as flôres,
O ar que respiro, o sol que me alumia . . .

TU, SÓ TU...

Só mesmo tu, com uma affeição sincera,
Minha existencia é que mudar podias,
Pondo o teu esplendor de primavera,
Do meu viver nas rudes invernias.

Só a luz de tua alma é que pudera
Encher-me as noites e aclarar-me os dias,
Trocar por goso a magua que lacera,
Afogando-a em torrentes de alegrias...

Bastava, tu, que és cheia de bondade,
Vires, com essas brancas mãos piedosas,
Desfolhando, da tua mocidade,

Na minha vida, as flores do carinho,
Como uma santa que esfolhasse rosas
Sobre as pedras de um áspero caminho...

IDYLLIOS

I

Quando viemos aqui, nós dois sósinhos,
A primavera desatava as flores:
Em todo ramo suspiravam ninhos;
Tua alma ingenua segredava amores...

Era no instante em que a manhã de rosas
Tinha a côr do vestido que vestias:
E eu sorria e beijava-te, mimosa;
Tu me beijavas languida e sorrias...

II

De uma outra vez que viemos, nos caminhos,
O rico outono desbotava as flores;
E si nos ramos não boliam ninhos,
Tua alma vinha segredando amores...

Vaga tristeza errava pelo espaço;
De quando em quando, absorta, estremecias;
Distrahida e apoiada no meu braço,
Suspiravas calada e não sorrias...

III

E quando a ultima vez, pelos caminhos
Viemos, o inverno desfolhava as flores;
E a ausencia do calor matára os ninhos,
Como a tua matou nossos amores.

Vinhas de preto, e a luz da tarde, triste,
Ia num longo occaso desmaiando;
Dei-te um beijo na bocca e tu cahiste
Entre os meus braços, pallida, chorando...

S E P A R A Ç Ã O

Separámo-nos. Pallida,
A tarde fria agonisava no ar . . .
Balbuciaste um adeus, melancolico e triste . . .
Mal me apertaste os dedos, e fugiste,
Sem um gesto sequer, sem um olhar . . .

Então, surprezo, attonito,
Nada te disse e foi melhor assim . . .
Tinha a dizer-te tanta cousa, tanta,
Mas a voz me ficou presa á garganta,
Vendo-te, branca e fria, afastar-te de mim.

ÇHAMMA EXTINCTA

Na tristeza romantica,
Da tarde morta, que esfriava o ar,
Fiquei parado, absorto, olhando a tua
Silhueta, por entre a agitação da rua,
Apressada, indecisa, ao longe caminhar.

Entre a fileira de arvores
Antigas, ias rapida, a fugir,
E eu tinha a sensação de um desmoronamento ;
E, indifferente a tudo, á chuva, ao frio, ao vento,
Via apenas teu vulto ao longe diminuir . . .

Na sombra do crepusculo,
Acompanhei-o até não mais apparecer ;
E fiquei só, no horror da tarde morta e fria,
Só, com meu desespero, a infinita agonia,
E a horrivel impressão de nunca mais te ver . . .

Da certeza cruel

SUB NOCTE PER UMBRAM...

A lua cheia, toda de prata,
Sae do castello da solidão ;
Nas aguas mortas já se retrata,
E vae enchendo de luz de prata,
Toda a amplidão.

Ha vozes tristes da noite em meio,
Lembrando o choro de um bandolim ;
Talvez suspiros de um longo anceio,
De anjos que acordem da noite em meio,
Vagas plangencias que não têm fim...

A noite canta velhas cantigas,
Dessas que fazem enternecer;
Lembra avósinhas, boas amigas,
Que ao pé dos berços cantam cantigas
Para os nétinhos adormecer..

Scintillam astros, almas sangrando,
Olhos mais tristes que os de Jesus:
Olhos de amantes no azul chorando,
Almas de amantes no azul sangrando,
Cheias de chagas que vertem luz...

A lua cheia mostra chorando,
O véo de freira das solidões;
Virgem Maria dos Astros, quando
A noite é triste, mostra, chorando,
As cicatrizes dos seus vulcões...

*
* *

Adejam no ar alvas grinaldas,
Enchendo o mar, enchendo o céo...
Quebradas ondas de esmeraldas,
São pobres noivas de grinaldas
E de véo...

O mar nervoso não descança,
Faz ronda á praia por seu mal;
Ora recúa e logo avança:
Parece um cão que não descança,
Fazendo a guarda de um quintal.

No céo azul como turqueza,
Banha-se branca de jasmins,
A lua, a pallida princeza,
Numa banheira de turqueza,
Estrellejada de rubins...

*
* *

Em noite assim de lua triste,
E' que me dóe a solidão;
Em noite assim, foi que me viste,
Em um jardim, á lua triste,
Lançar-te aos pés meu coração.

Que louca pagina da vida,
A noite immensa deste amor!
Nos braços meus, molle, rendida,
Velado o olhar, cheio de ardor,
Cahiste, e então bebi a vida
Na tua bocca aberta em flor.

C H A M M A   E X T I N C T A

Vivo e não vivo, com certeza,
Pois com esse beijo enlouqueci ;
E como grande brasa acceza,
Queima-me a bocca e fala em ti ;
E augmenta ainda esta tristeza
Todo o martyrio da certeza
Que para sempre eu te perdi...

PRIMEIRAS SAUDADES

Teu amor, para mim, foi um céo entreaberto,
E foi a gloria e a luz para o meu coração,
Foi, como um sol, que enchesse o infinito deserto,
Da minha vida de illusão.

Teu amor foi, um dia, a aspiração, o anceio,
Sob a discreta luz de um cheiroso pomar...
Foi o céo do teu beijo! Era alto e alcancei-o!
Subi pela espiral de uma escada de luar...

CHAMMA EXTINCTA

Doce amor! Para mim foi um rosal de Maio,
A' cuja sombra fresca eu dormi e sonhei;
Para onde foi?... Ideaes de moço, procurai-o!
Para onde foi? Não sei!...

Para que vieste abrir essa verde alvorada,
Esse sonho de luz que se esvaiu, assim
Como o aroma que sae de uma flor desfolhada
Na meia sombra da alameda de um jardim?

Dentro em minha alma, abrindo as rosas do desejo,
Teu amor foi meu sol dos dias triumphaes,
Um abraço, um suspiro, a doçura de um beijo,
E um protesto, afinal, que passou... Nada mais!

Nada mais! Triste fim do teu amor, que veiu
E passou como veiu, e deixou, por meu mal,
Todo este desespero, e este infinito anceio
Da saudade inmortal...

A VOZ DA SAUDADE

Com tuas proprias mãos, uma tarde, gravaste
Numa velha palmeira, as nossas iniciaes.
Ah! e porque a cortassem, ou cahisse,
Como uma flor, que a aragem sacudisse,
Já não existe mais.

Com teus dedos de rosa escreveste, na praia,
O meu nome por sobre os longos areaes.
Fosse a vaga, ou do vento fosse o vôo,
Qualquer cousa o apagou . . . Ai ! apagou-o,
E não existe mais!

E o amòr, que tua bocca a arder me promettia,
Na doce embriaguez dos beijos virginaes...
Creança, para que mo prometteste,
Si nunca tu mo déste,
E nem existe mais?...

Só deixaste commigo esta infinita magua,
Na dor do meu desejo;
E vivendo em minha alma, em ancias immortaes
Como o vago perfil de uma flor dentro d'agua,
O rumor do teu nome, e o éco do teu beijo,
Que não se acabam mais...

ULTIMO ADEUS

Quando — e com que saudade hoje me lembro! —
Nos separámos, ia a alaranjada
Tarde, no alto, morrendo. Era em Setembro.

E quando, no portão da socegada
Casa, te disse adeus, já andava errante
Sobre os serros, a lua desbotada.

— «Morro!», disseste. E mesmo alli, deante
De olhos estranhos, toda commovida,
Nos meus braços cahiste palpitante...

—

Que creança, tu eras!... E sentida
Torrente, toda lagrimas queixosas,
Borbulhou dos teus olhos, mal contida.

— «Eu volto em breve!» E as tuas mãos nervosas
Apertando, nós viamos, revoltas,
Tambem chorando as arvores e as rosas.

— «Morro, si não voltares...» Longas, soltas,
As lagrimas rolavam... E eras linda!
Mas não voltei! Dá o mundo tantas voltas!..

Mas, inda bem, tu não morreste ainda!...

A L F R E D O   D E   A S S I S

VERSOS SEM NOME

Passei, hontem á tarde, em frente á velha chacara,
Ninho antigo do nosso doce amor,
Onde morei comtigo, e, ao mesmo tecto,
Abriu-se o nosso affecto,
Como um rosal em flor.

E a um amigo, que mora alli perto, apontando-a,
Fingindo indifferença, perguntei:
— Quem mora alli na chacara da frente?
E elle, tambem com um gesto indifferente:
— Creio que está para alugar, não sei...

CHAMMA EXTINCTA

Não existe maior, mais dolorosa magua,
Tão grande, que se sente e não se diz,
Do que rever, num dia de amargura,
A casa que abrigou nossa ventura,
E onde se foi feliz.

E fui, com a alma sangrando e o teu nome nos labios
Ao antigo portão.
Pela grade espiei. Tudo fechado...
Tão triste, tão mudado,
Como o teu coração.

Ha em tudo a grande paz das ruinas, e o silencio
Dorme pelo abandono do jardim,
Onde só vi, ao lado das roseiras,
Aberta a roxa flor das trepadeiras,
Como a saudade aberta dentro em mim...

E nesta solidão, com este ar de desanimo,
Mesmo as arvores têm
O aspecto de umas pobres desgraçadas,
Pelo outono sombrio desfolhadas,
Tristes como eu tambem...

E a fonte que desfiava, a cantar, suas aguas,
Entre areias, seccou;
E uma estatua, que havia, está partida...
Partiu assim a ausencia, em minha vida,
A cadeia do amor que me embalou...

E eu não sei explicar porque coincidencia
Cortaram, das palmeiras imperiaes,
Aquella que mais linda florescia
E na qual, — tão feliz!, — gravei um dia
As nossas iniciaes...

Tudo, ao ver-me sombrio e triste como as lagrimas,
Perguntou — e eu não pude responder,
Quando tu voltarias a este ninho,
Trazendo-lhe o calor do teu carinho,
E todo o teu encanto de mulher?...

Nunca mais, meu amor, a esta saudosa estancia
Has de vir acordar,
Com teu riso, a casinha adormecida,
Como tambem jamais, na minha vida,
As roseiras do sonho hão de brotar!...

VELHAS CARTAS

Em noites longas, de saudade cheio,
Aos olhos vêm-me lagrimas sentidas,
Quando essas velhas cartas eu releio...
(Sei-as de cór, de tantas vezes lidas!)

Falam do nosso amor, cortado em meio
De horas de sonho, em calma e paz vividas;
E essas doces lembranças vêm-me ao seio,
Pombas, que voltam aos pombaes, feridas...

Dessas folhas se evola, delicado,
Todo o vago perfume do passado,
Que é a saudade do bem que se perdeu.

Lendo-as, minha alma para o céo se eleva,
Como si ouvisse, da mudez da treva,
Falar-lhe a voz de alguem que já morreu...

A L F R E D O   D E   A S S I S

RICORDO

Recordar é viver a mesma vida,
Sonhar o mesmo sonho já sonhado;
E' reler uma pagina esquecida
De velho livro, apenas começado.

E' acordar uma nota dolorida
No seio de um violino abandonado,
Percorrer, num momento, a percorrida
Estrada de vinte annos do passado.

Passado! Noite escura! Só a lembrança
Traz a consolação, traz a alegria
De reviver um sonho e uma esperança...

Recordação... O' luz, que me conforta,
Lua triste a brilhar, serena e fria,
No lethargico horror da noite morta!

A UMA PALMEIRA

Ha cem annos, talvez, (que importa ao certo ?)
Vives aqui, palmeira alta e copada,
Velha, mas sempre linda e sempre aberto
O teu leque de moça enamorada.

A vida do homem, como o oceano incerto,
Bem differe da tua, socegada,
Nesse florido trecho de deserto,
Dando frescura ao vento e sombra á estrada.

Por tristezas contamos nossos dias ;
Contam-se os teus por vivas alegrias,
Pela suave emoção dos teus amores . . .

E, moço, a gente é velho em desenganos,
E tu sorris, tão moça inda aos cem annos,
Pela bocca das aves e das flores . . .

AO CHRISTO

Quando morrias no Calvario, ouvindo
Em torno e em tudo um longo pranto, quando
Iam as sombras vesperaes cahindo,
E infinita tristeza derramando,

Não sei quem mais soffreu, si Tu sentindo,
Tranquillo, a morte e a morte abençoando,
Si Tu, ó! Christo, pallido, sorrindo,
Ou si Ella, a Virgem, pallida, chorando.

Não sei quem mais soffreu, si Tu, morrendo,
Mais ainda, por ver que Ella chorava,
Si Ella chorando por Te ver soffrendo,

Nem quem teve a maior das agonias,
Si Tu sentindo a dor que Te matava,
Si Ella sentindo a dor que Tu sentias ! . . .

PRANTO E RISO

No pranto da creança não diviso
Magua nenhuma: é todo luz e encanto.
Tem, nuns restos de céo e paraiso,
Toda a alegria matinal de um canto.

Mas de um velho, num rapido sorriso,
Maguas profundas eu percebo entanto;
No pranto da creança ha quasi riso,
No sorriso do velho ha quasi pranto.

Um velho ri — é um pôr-de-sol que chora!
Chora a creança — é como si uma aurora
Um chuveiro de perolas abrisse...

E tem muito mais luz, mais esperança,
A lagrima nuns olhos de creança,
Que um sorriso nos labios da velhice...

CHUVA DE ROSAS

Como sentisse a inspiração daquella
Tarde, Santa Cecilia abriu, tranquilla,
O orgão, tirando musica tão bella,
Que até o vento correu para applaudil-a.

Vieram as aves escutal-a e vel-a;
Flores desabrocharam, para ouvil-a;
E, ouvindo-a, no alto, a vespertina estrella,
Foi meiga, abrindo a nitida pupilla.

Mais os seus dedos magicos saltavam,
E, ao tubilhão das notas vaporosas,
As proprias cousas mudas a escutavam...

E, ouvindo-a, o céo abriu-se, constellado,
E, dos dedos de Deus, cahiram rosas
Na virginal brancura do teclado!

O TÉDIO DA ESPHINGE

Quer suba a lua em prata as areias mudando,
Ou caia o ouro do sol sobre o areal incerto,
Eil-a, a Esphinge de pedra, hirta e muda, guardando,
Sentinella sinistra, a porta do deserto.

Alli nasceu, de torvo olhar, formas estranhas,
Dentre as callosas mãos selvagens dos Titans,
Que rasgavam outróra o ventre das montanhas,
E bebiam, a rir, o sangue das manhãs.

Muda e grave, quedou-se olhando o firmamento,
Cravando mais, no chão, as garras de granito,
Ouvindo as maldições e as blasfemias do vento,
Sob o tranquillo céo, de eterno azul, do Egypto.

—

Do seu leito de areia, impassivel e fria,
Viu dez mil gerações curvarem-se-lhe aos pés;
Ouviu beijos de amor e gritos de agonia,
E assistiu aos festins da côrte de Ramsés.

E viu Ilion cair, e cair, dos altares,
Os deuses ancestraes dos antigos egypcios.
E lembra-se de ver, a balouçar nos mares,
As velas triumphaes dos navios phenicios.

Guarda ainda a impressão de haver sentido um dia
Em seu dorso pousar, como um beijo de luz,
Puro e piedoso, o olhar da Virgem, que sorria,
A' face pequenina e meiga de Jesus.

Viu Cleopatra um dia o Nilo remontando,
Numa galera de ouro, entre escravas, formosa,
Aos pés de Marco Antonio, a terra dominando,
Na apotheose immortal da carne victoriosa.

Viu Carthago nascer num rosal de esperanças,
De mil incendios viu o esplendido clarão;
Viu passar Alexandre, entre oceanos de lanças,
Ouviu a voz de Dido e a voz de Napoleão.

Depois, tudo caiu... Sob o mudo infinito,
Ella apenas ficou, o olhar de pedra, incerto,
Dois mil annos ouvindo os clamores do Egypto,
Bocejando de tédio, e espiando o deserto.

Caravanas, deixando uma linha sombria
De ossadas, vê no areal mais branco que um lençol;
Vê, beduinos do céo, os astros, e, de dia,
Caravanas de luz acompanhando o sol.

Mordem-lhe os brutos pés as areias candentes;
Alto, arqueia-se, no ar pesado, o céo tranquillo;
Passam ibis, em bando, a perseguir serpentes,
Passam lotus azues á tona azul do Nilo.

E, no tédio senil das solidões distantes,
Escuta do Chansim as torvas maldições,
Entre o surdo rumor dos bandos de elephantes,
E os rugidos febris do peito dos leões.

E immota, noite e dia, eis a Esphinge em seu posto,
Quer, ardendo, o areial entre as garras lhe cresça,
Passe bebedo o vento a cuspir-lhe no rosto,
Caia o fogo do sol, queimando-lhe a cabeça.

Sonha ao vivo fulgor dos occasos tranquillos,
Ouro velho, que escorre em urnas de crystaes!
Vê cegonhas scismando, e os verdes crocodillos
Emergindo da lama as cabeças brutaes.

E nada lhe perturba os prolongados somnos ;
Embala-a o Nilo azul, que amplo e espraiado, corre
Templos e torres caem; mudam-se os reis nos thronos;
Só a Esphinge não cáe, não se muda, não morre.

As Pyramides são suas irmãs dilectas,
Companheiras fieis, velhinhas de encantar,
Onde, por noites más, vão, com livor de ascetas,
Sombras de pharaós antigos conversar.

Com o ventre de granito entre areias sepulto,
Fixa, espreita o horisonte immovel do deserto,
Firme cada vez mais seu phantastico vulto,
Sob o largo docel do firmamento aberto.

E, quando ella desperta em seu tédio infinito,
Vendo tudo cair, no olvido se envolver,
Murmura, erguendo o olhar ao claro céu do Egypto:
— «Quero tambem cair, quero tambem morrer...

— « Que faço aqui sósinha, eterna adormecida,
« Sob o manto brutal do tédio, que me cinge?
« Porque não morro, ó Deus, si odeio tanto a vida?
E o pranto cáe velando o fundo olhar da Esphinge

E, como consolando um doente sem remedio,
Diz-lhe o vento, que passa, ao grande ouvido informe:
—«Tens mil annos ainda...» E, a bocejar de tédio,
A Esphinge colossal os olhos fecha — e dorme...

INDICE

Pags.

—

ÒS NOVOS POETAS
PERIODICO · DIRIGIDO · POR · NUTO · SANT'ANNA

No proximo numero,

o grandiloquo pantheista

CASSIANO RICARDO

na sua magica

FRAUTA DE PAN

INSTITUTO D. ANNA ROSA